

Ano II—N.º 53  
8 Agosto 1931  
Preço 1 Esc.

# reportagem

Semanário das grandes reportagens

*Lições*



*A boémia cosmopolita de Lisboa*

# Vae para o campo?...

Que tal lhe parecem as noites?...  
Muito compridas?... Previna-se com um candieiro  
"TITUS" e verá como as passa alegremente.

Candieiros "TITUS" de incandescencia a gazolina  
SEM BOMBA

*Uma luz de 120 velas por 10 cts. por hora*

Peça mais esclarecimentos e catalogo  
gratis com cerca de 20 modelos aos depo-  
sitarios para Portugal e Colonias.

CARCAVELOS INDUSTRIAL, L<sup>DA</sup>  
OLIVEIRA DE AZEMEIS



## Passaportes

Espanha, França, Brasil e América do Norte

AGENTES NO NORTE DA

### UNITED STATES LINES

*Nicolau Ferraz*

R. do Loureiro, 60

Tel. 762

Porto



A maravilha das grafo-  
nolas, a ELECTRO-SONORA,  
trabalha electricamente  
ou por corda, motor  
para 110 ou 220 "volts".

118 — Rua de Cedofeita — 120

PORTO

## Obras completas do REPORTER X

A' venda em todas as livrarias

Verdade! Emoção! Deslumbramento!

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e  
tantas outras drogas que lhe têm impingido  
para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bol-  
sa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empre-  
gam nos seus magníficos trabalhos de pintura.  
Constatará que é só

## KOMOL

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha,  
desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe  
em sua casa, e sem auxilio de ninguem, resti-  
tuir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**.  
E eles ficam macios, soltos e brilhantes, nin-  
guem conhecendo que foram pintados.

**CAIXA 25\$00**

A' venda nos melhores estabelecimentos. Re-  
presentante M. CABRAL — R. Camilo Castelo  
Branco, 20, Telefone N. 3831. — Depositário —  
FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 —  
Telefone 2 1415 — Agente no Porto — A.  
QUADROS Jor. — R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87

## A B C

A revista portuguesa mais  
antiga e de maior expansão

LEITURA INSTRUTIVA, AMENA  
E VARIADA FOCANDO SEMPRE  
OS ASSUNTOS MAIS PALPITAN-  
TES E AS MAIS SENSACIONAIS  
:—:—: REPORTAGENS :—:—:

Actualidades gráficas do país e do estrangeiro

HUMORISMO TEATRO CINEMA  
MODAS DESPORTOS ETC.

24 páginas de texto e gravuras

**Preço avulso 1\$50**

**Rua do Alecrim, 65 — LISBOA**

# Homens & Factos do Dia

## A condenação à morte

**A**INDA não se tinha extinguido o eco do clamor de piedade que de todos os peitos portugueses se desprendera em favor de Joaquim Pita Soares, condenado à morte nos Estados-Unidos por amor de uma mulher; ainda se sentia no ar a vibração do suspiro de alívio que todos nós soltámos ao conhecer a grata nova da comutação da pena para prisão perpétua; ainda o sorriso de alegria por termos salvo uma vida não se apagara de nossos rostos — quando outra notícia do mesmo género nos chegou, célere e triste, de outro país onde a pena de morte se usa para repressão do crime. Em França, um português, Francisco Esteves, acabava de ser condenado à pena capital por ter assassinado uma mulher. No tribunal não se fez prova cabal da culpa deste homem, mas não hesitou a severa justiça francesa em mandá-lo matar.

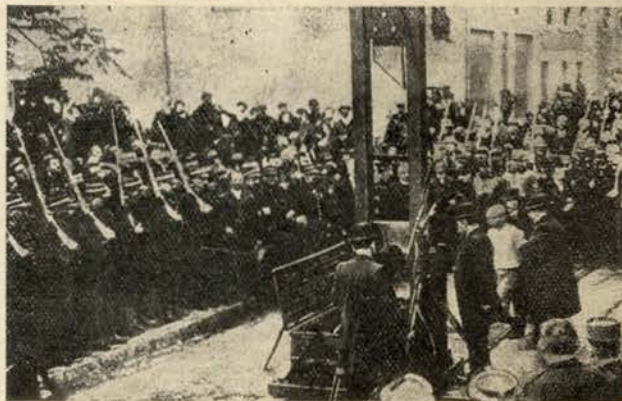
Arrancar a vida por presunção, em nossa consciência, que não admite o assassinio sob que aspecto ele se apresenta — excepto o da legítima defesa —, é um crime odioso. O tribunal não provou — apenas presumiu — que Francisco Esteves tivesse cometido um delicto de morte. Mas admitindo que a prova fôsse flagrante e palpável, a nossa consciência não aceitaria, sem um gesto de humana clemência, essa condenação odiosa. Quantas vezes as provas demonstram iniludivelmente o crime, e um súbito pormenor,

um detalhe insignificante derrubam num momento os mais sólidos castelos da acusação, banhando com a luz intensa da inocência o pobre acusado! A morte é o único crime que não tem reparação, o único erro que não se pôde emendar. E homens falíveis, sujeitos ao erro, porque são humanos, não devem já mais aplicá-la como castigo contra um assassino, porquanto se arriscam a acumular um crime sobre outro crime, em prejuízo da sociedade. Entre condenar um inocente suspeito e absolver um presumível criminoso, parece-nos que lucra mais a justiça na absolvição — porque evita, pelo menos, praticar um erro irreparável.

Francisco Esteves está condenado à morte. A guilhotina cortante e cruel espera com vampírica avidéz a sua cabeça — talvez inocente. Parece impossível que um país que tanto sangue verteu pela conquista das mais belas liberdades e dos mais legítimos direitos do Homem ainda empregue, para repressão do crime, a morte — a morte pela guilhotina, que é um instrumento de diabólica invenção. E que tem lucrado a França com o emprego da pena de morte para repressão do crime?

É em França que os crimes mais espantosos, mais repugnantes se praticam; é em França que surgem, de quando em vez, vampiros elegantes como Landru, assassinos monstruosos como Vacher. Se a pena última contribuisse para evitar os crimes horripilantes, a França, com a sua guilhotina a vitimar criminosos e inocentes, já se teria transformado num Eldorado. Portugal, a despeito da sua maior percentagem de analfabetos e do génio impulsivo dos seus habitantes, nunca assistiu aos espectáculos de crime que a França oferece a todo o mundo. E Portugal não tem pena de morte. Está provado pelas estatísticas que essa pena

não regenera os povos. E' nesses países de códigos atrasados e bárbaros que o crime medra mais pujante. O próprio espectáculo da execução do crime, que implica um criminoso legal e sempre impune — o carrasco —, é degradante, vergonhoso para um país civilizado. Se a missão da Justiça e conduzir os homens à pratica do Bem, para que usa ela de processos mais hediondos do que os



A condução de um condenado para a guilhotina, em França

# reporter

O SEMANÁRIO

DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65 — TEL. 2 1276 — LISBOA  
End. Teleg. : REPORTERX — LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61 — Rua da Luta, 1-B

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

empregados pelos delinquentes que persegue?

Francisco Esteves estará irremediavelmente perdido se Portugal, num gesto bem humano e digno, não intervier junto do supremo magistrado da França no sentido de lhe salvar a vida. E talvez a intervenção dos portugueses contribua para que se risque dos códigos dos países civilizados o preceito legal de se orrimir o crime com outro crime.

MÁRIO DOMINGUES

## Visitante ilustre

Depois de um longo estágio em Lourenço Marques, onde a sua actividade jornalística brilhantemente lhe marcou um lugar de merecido destaque, veio por alguns meses à Europa o nosso prezado colega sr. Manuel Simões Vaz, redactor principal do «Notícias» de Lourenço Marques, incontestavelmente o melhor diário português do continente africano.

Este nosso colega, que teve a gentileza de nos visitar, tenciona, antes de regressar ao seu posto jornalístico de Moçambique, visitar vários países da Europa a fim de adquirir material gráfico moderno.

# A dama de branco do elevador de Santa Justa



paisagens lisboetas — é dos *ex-libris* da capital o que ameaça maior número de novelas e de mistérios... Começamos pela trágica loucura de...

O TOLDO MILA-GROSO

«As loucuras trágicas — está provado — são epidemias morais. O elevador de Santa Justa foi mal agridado, no início, porque desencadeou, talvez pela sugestão da elevada altura da sua *passerelle*, uma verdadeira série de loucuras epidémicas. Sabe você quantas fôram as vítimas

que essa sugestão produziu? Nada menos do que vinte e cinco! Por fim, a empresa resolveu muralhar a torre e a *passerelle* com um quadrilado de arame e só assim se extinguiu a moda trágica dos que se enjoavam de viver ou ateviam o gozo emocionante de, num só minuto, virem parar à Rua Nova do Carmo, sem fazer uso da *cabine*... Mas os episódios mais notáveis dessa série correspondem precisamente ao primeiro e ao último. O último foi um tal José Gouveia de Sá, hoje residente no Rio de Janeiro, onde fez fortuna, que, nessa época, tendo apenas 25 anos, quis rematar as suas desventuras descendo, sem pára-quebras, do alto da *passerelle*... Eram 4 da tarde, hora do máximo movimento da Baixa. Súbito, a multidão que se cruzava na Rua Nova do Carmo é sacudida por uma chicotada de terror: do alto da *passerelle* um corpo humano se desprendia, desenhando no espaço ora zig-zagues angustiosos, ora *looppings-in-loops* acrobáticos, até que, quando todos os olhares se esgazeavam e todos os corações cabriolavam d-nro dos peitos, o corpo caiu sobre o tóldo de uma loja, produzindo-lhe uma curva de rêde de circo — mas recolhendo-o com a segurança de dois braços amigos... O cavalheiro, o José Gouveia de Sá, que fôra o herói da máxima emoção trágica, durante segundos, deixa-se balancear pelo tóldo, cujos suportes vergaram ao choque, senta-se depois, escancara os olhos num pasmo, toma uma rápida resolução, pula para o passeio... e desaparece, correndo a bom correr, em direcção do Rossio...

«Este foi o último episódio — o episódio cómico da epidemia. Vamos ao dramático, que foi o primeiro...

O «MÉDIUM» TRÁGICO

«Dizia-se belga, pintor, e assinava com o apelido Bellencourt. O seu aspecto bastava para atrair a

**Porque é que o Diabo sabe muito... — O «ex-libris» de Lisboa — A epidemia trágica — Uma queda... sem pára-quebras — O misterioso casal — Espiritismo — Uma aparição ao alcance de todos...**

curiosidade da Lisboa modorrenta e provinciana do princípio do século; usava uma guedelha anelada, um chapéu de Bufalo Bill, um laçarote negro enorme. Os olhos eram azues, profundos, perdidos em órbitas negras — uns olhos que desfechavam estranhos fluídos... Desembarcou acompanhado duma pequena loura dos seus quinze anos sem precocidade. Completavam-se. Hóspedes de um hotel modesto da Rua dos Fanqueiros, calcurreavam essas ruas, de manhã até à noite, em passo lento, cabeças erguidas, olhares perdidos em êxtasi, silenciosos — sobretudo silenciosos. Nunca os viram trocar a mínima palavra. Um dia apareceram em casa do Dr. F... e Bellencourt disse: «Soube que V. se interessa pelo espiritismo. Esta menina é *médium* e considerada dos melhores entre a *élite* dos predestinados. Interessava-me que a experimentassem.» O Dr. F... levou-os a casa de Madame L... e realizou-se uma sessão a que eu assisti. A pequena caiu em transe e éle modificou por completo o seu aspecto. Perdeu a calma, o êxtasi em que vivia. Estava nervoso, impaciente, sófrego de algo. Roia as unhas. Não podia estar quieto na sua cadeira. Bruscamente, a jovem *médium* estremece; o seu rosto crispa-se, contrai-se numa carranca cheia de ódio e de cólera. Falou, falou muito, num vozeirão grosseiro e num idioma ignorado (o Dr. F..., poliglota, nem por... aproximação conseguiu tecer uma hipótese); Bellencourt, à medida que as palavras saíam dos lábios do *médium* — tão pouco humanas como se viessem da campânula dum gramofone, ia aumentando o seu nervosismo, acercando-se mais da pequena, na hipnose de um louco que se abeira e se lança, cegamente, no abismo, embruxado pelo canto de uma sereia criada pela sua loucura... E após a luta evidente para *só ouvir* sem interromper — intervem e fala no mesmo idioma. Uma frase curta, pronunciada no mesmo idioma ignorado por nós todos. Ela, o *médium*, sofre nova metamorfose. O seu rosto delicado e virginal, que se masculinizara numa expressão plebeia de ódio e de cólera, regressa à sua pureza diáfana; a sua voz, enrouquecida e grosseira durante minutos, tornou a abemolar-se, harmoniosa e suave. E, com pasmo de todos, no mais genuíno português (ela pedira antes de cair em transe para lhe falarem em francês, único idioma que conhecia), respon-

**E**RA um velho mumificado, duma miopia tão próxima à cegueira que através dos vidros grossíssimos dos óculos os seus olhos dilatavam-se bugalhudos, quasi sem cor nas íris, parecendo bolas de bilhar incrustadas nas órbitas... Confesso que não me interessou conhecê-lo quando me apresentaram; que tentei mesmo esquivar-me ao seu contacto quando a pessoa que me apresentou partiu, abandonando-me ao seu lado. Mal profetizava eu que desse encontro havia de nascer a essência de uma reportagem emocionante.

Não perco tempo a contar-vos como se criou o pretexto da revelação... Basta reproduzi-la, tal como a escutei dos seus lábios secos e franzidos, algo que recordava a boca de um saco: — «Muitas vezes uma cidade modifica totalmente a sua feição, moderniza-se, civiliza-se — graças apenas ao contágio de uma iniciativa que foi combatida ou desprezada no período embrionário. Madrid tornou-se grande capital ao edificar os seus dois grandes hotéis — o «Ritz» e o «Palace»; Paris atingiu a máxima popularidade ao erguer a Torre Eiffel. O nosso elevador de Santa Justa, a que nós, alfacinhas, pouco ou nenhum interesse dispensamos, foi, no início, o segredo das primeiras reformas da capital e tornou-se, sem darmos por isso, aos olhos dos estrangeiros, numa espécie de *ex-libris* de Lisboa. Mas não foi para fazer o elogio do elevador de Santa Justa que eu lhe pedi o sacrificio de me aturar. É que... eu sou muito velho... sei muitas histórias — umas esquecidas, outras que chegaram ao meu conhecimento por uma série de acasos e que eu não revelei nunca... Disse «histórias» — mas não julgue que são lendas: são factos reais, positivos... E o elevador de Santa Justa, aquele enorme T de ferro, erguido em plena Baixa, avião cativo em vôo contínuo para o alto da colina, camarote debruçado sobre as mais belas

(Conclue na pag. 13)

# ESPINHIO

**Praias portuguesas e suas diversões — A Empresa Espinho-Praia — Mário Ribeiro e a sua tenacidade contra a rotina — Um empata- de nome Manuel Joaquim que tenta obstar à modernização de Espinho — As suas manobras de cacique — Contra a Lei, contra o Progresso! — Triunfará o Direito.**

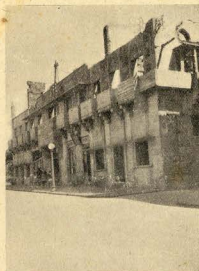
OS PORTUGUESES, justamente orgulhosos da beleza maravilhosa das suas praias, cujo clima é, sem a menor sombra de contestação, muito superior ao da Côte Azur, admiram-se de que os estrangeiros não procurem com mais entusiasmo o nosso país, preferindo ainda praias inferiores às nossas.

Ora os portugueses que se admiram da indiferença que os estrangeiros sentem por tão superiores maravilhas da natureza ignoram que na vida moderna, como no cinema, a paisagem é um elemento secundário. Se os povos que possuem bom clima e boas praias não souberem valorizar esses bens naturais com o trabalho humano, de nada lhes serve as ofertas generosas da natureza.

Só há poucos anos se começaram os portugueses a aperceber de que a indiferença do estrangeiro rico pelas suas praias provinha da falta de comodidades que, em regra, nelas encontrava. Foi então que se começou a verdadeira política do turismo. Designaram-se algumas das nossas melhores praias como lugares de eleição de turismo, sendo nelas permitido o jogo de azar, não só porque muitos estrangeiros ricos nele procuram a distração como ainda para que o produto desse jogo ocorra às despesas formidáveis que demandam essas praias para se apetrecharem com todos os elementos de distração: casinos, cinemas, teatros e hotéis modernos, no estilo de «palaces».

Uma das praias designadas como centro de turismo foi a de Espinho. Foi acertada a escolha, visto que ela possui, na verdade, um clima excepcional, belezas naturais notáveis. O que não possuía era um bom hotel, nem um casino decente, nem um cinema euro-

peu, nem teatro agradável. Nas condições da lei fez-se a concessão à Empresa Espinho-Praia, que tem a orientá-la o espírito moderno e a energia férrea de Mário Ribeiro. Essa Empresa, ainda em harmonia com a lei, quis modernizar Espinho, quis fazer daquela praia um centro europeu e civilizado. Atirou-se ao trabalho com entusiasmo, mas não contou com a força odiosa e bárbara da rotina, personificada num cavalheiro que dá pelo chamadouro de Manuel Joaquim. O sr. Manuel Joaquim—pelo nome não perca — é proprietário do prédio onde a aludida empresa está instalada.



O Casino de Espinho em construção

Tem esta, em harmonia com a lei, direito a expropriar-lhe o prédio — pagando-lhe, e bem pago, pelo valor que judicialmente lhe foi atribuído. Manuel Joaquim, porém, quis mais dinheiro. E, como a Empresa já tivesse iniciado as obras monumentais do Casino, embargou-lhas... ilegalmente.

Ao mesmo tempo, com prejuízo de Espinho, do Estado e da Empresa, iniciou uma campanha furiosa contra a modernização do Espinho, através das colectividões onde pode exercer a sua influência de cacique.

É tão atrasado de mentalidade, tão contrário ao progresso, este Manuel Joaquim, que chegou a mandar revolver o leito de uma rua para

prejudicar a Empresa, acabando, afinal, por causar graves transtornos à população de Espinho.

Este Manuel Joaquim simboliza o verdadeiro tipo do português refractário ao progresso. Age em nome das pantufas. Pertence àquela estirpe estranha dos burgueses assustadiços que acham o divertimento uma imoralidade. Individuos com esta psicologia não podem suportar os casinos, a alegria esufiante das praias bem frequentadas, o prazer de umas horas de cinema ou de teatro. Estimariam que se regressasse à época da diligência, do rapé, dos caminhos tortuosos e do banho apenas à nascença e à morte. A felicidade, para estes homens, consiste em amontoar dinheiro improdutivo. O dinheiro bem fechado e bafiento é a única coisa bela que merece luta, esforço ou sacrifício. Por isso Manuel Joaquim embargou as obras, quis convencer a Associação Comercial, a Delegação dos Interesses Económicos, a Comissão de Turismo e a Câmara Municipal de que a Empresa Espinho-Praia não tinha direito a existir. Ele queria manobrar entidades que só têm a lucrar com o desenvolvimento daquela formosa terra para defender apenas os seus mesquinhos interesses particulares.

Mas estamos convencidos de que não virarão as pretensões absolutamente ilegítimas do tal Manuel Joaquim.

A Empresa Espinho-Praia, requerendo a expropriação dos prédios, apenas cumpre uma formalidade imposta pelo contrato de concessão, que é para ela a obrigação mais pesada e de que não tira nenhuns benefícios directos.

Quem mais aproveita com as reformas que a Empresa terá que fazer é o Estado e a localidade. O benefício da Empresa, de ordem indirecta, será apenas a melhoria da instalação, que aliás lhe custa o preço da expropriação acrescido do montante do valor das obras.

Se tomarmos em consideração os encargos e obrigações da Empresa (construção de um hotel, tipo «palace», e um casino, com teatro e cinema anexos, cujos locais e plantas foram determinados pelo Conselho de Administração de Jogos), concluiremos facilmente que essa empresa merece mais as simpatias populares e facilidades de execução dos planos

oficiais do que entaves e embargos do Manuel Joaquim...

# PRAIA

# A inglesa que casou com um soba

A influência do anúncio, com parangons vistosos no alto de uma página de jornal de grande circulação, é tão forte, tão decisiva no ânimo dos leitores ou leitoras, que pressentemente não há comerciante que dêle não se sirva para vender a sua mercadoria, nem industrial que não a aproveite para multiplicar os seus negócios. Nós mesmos, que somos profissionais do jornalismo e que poderíamos, portanto, por conhecimento directo da vida interna das gazetas, duvidar dos grossos caracteres que dão publicidade às mais deslumbrantes maravilhas, confessamos que a maior parte das compras que fazemos resultam da influência irresistível do anúncio — do anúncio que muitas vezes, por ironia, nós próprios redigimos. Que admira, pois, que aquela jovem inglesa, sonhadora e romântica, se deixasse arrastar pela força avassaladora de um anúncio?

Na vida moderna até os selvagens já sabem que o anúncio é para a presa que se pretende apanhar como a armadilha para a ave descuidada e iludida que se deixa prender.

Há tempos, quem fosse leitor assíduo dos jornais franceses, ter-se-ia interessado, por mera curiosidade, pelo nome, pelas listas de certa agência matrimonial francesa, que entre muitos pretendentes a casamento inseria o nome arrevezado e bárbaro de um grande soba africano. O rei negro queria uma esposa branca e estava disposto a doblá-la com vinte mil francos anuais.

De todas as propostas de casamento por anúncio foi aquela que recebeu maior número de respostas. Talvez as jovens casadoiras que se dedicam a esta espécie de namoro através das colunas dos jornais tivessem desprezado convites de milionários americanos, mais vantajosos, mas certamente com mais acanhadas perspectivas de aventura, de mistério e de ineditismo. Para uma dactilógrafa, uma costureira, ou perceptora, ser rainha, mesmo de um reino de selvagens de costumes primitivos, sempre era ser rainha. E à falta de príncipes encantados que de longes terras as viessem buscar, aconselhados por fadas de poder extraordinário, um simples reino de pretos no fundo obscuro do sertão alfigurava-se-lhes uma sorte invejável que as elevaria muito acima das outras mulheres.

No curto espaço de dois dias o rei africano recebeu duzentas e sessenta respostas miosivas, acompanhadas de fotografias deslumbradoras, e listas estontantes das qualidades morais e físicas das pretendentes. A Alemanha, a Inglaterra e a Polónia foram os países que maior número de respostas produziram em cursivos bem lançados de raparigas lindas e sedentas de desconhecido. Depois vieram a

**Um rei negro que quis casar por anúncio—Duzentas e sessenta respostas — A preferida estava em Portugal—O sonho de uma perceptora inglesa — Um casamento simples — As mulheres do marido — Uma vingança — Um cruel castigo — Quem quer ser rainha ?**

Frância, os Estados Unidos, a Itália e, por fim, Portugal. De Portugal só houve uma resposta e essa mesma escrita por uma inglesa, uma perceptora esbelta, de lindos olhos de porcelana, ingénuos, como até certo ponto era ingénua a sua alma. Lisboa conhece essa gentilíssima rapariga, deve lembrar-se dela, porque dava muito nas vistas, passando em tardes amenas na Avenida da Liberdade acompanhando as filhas mais novas de um dos mais célebres arquitectos portugueses, sem levantar sequer os seus olhos púdicos para as miradas provocantes e donjuanescas do lisboeta atiradão.

E foi esse arquitecto, quando o encontramos de regresso da sua recente viagem a Paris, quem nos contou a história de miss Daisy — com todos os seus pormenores burlescos e trágicos.

— Em Paris — disse-nos elle — apenas obtive os pormenores desta aventura na sede da Agência Matrimonial, na Rua Vaugrard, 428. Foi lá que eu soube que tinham sido de duzentas e sessenta as respostas ao anúncio n.º 28.453 da revista *Sans Gêne*, de 14 de Outubro de 1930. E foi lá ainda que me disseram que a pretendente escolhida fora uma senhora inglesa, residente em Lisboa, na Avenida António Augusto de Aguiar. Mal pensavam na Agência que essa *miss* extravagante, essa inglesa ousada, era simplesmente a perceptora tímida, calada, que vivera em minha casa uma existência correcta, pacata, impecável. O empregado que na Agência me atendeu — um tipo de óculos de arcos de tartaruga fuzilando através dos vidros e dentes cavaleiros mostrando-se num riso escarminho —, mal lhe falei no caso soultou uma gargalhada. «*Je me souviens encore...*» — dizia elle rindo. Era um caso, de entre os milhares de casos picarescos que passam por aquela casa, que éle ainda não esquecerá. «*Parce* — acrescentou elle — que *demi-selle* não foi feiz?»

«*É* não foi feiz por descuido. O preto remeteu para Lisboa a importância da passagem para a África Equatorial Francesa. Quis dissuadir a rapariga, mas não me foi possível. E em face da sua insistência resolvei acompanhá-la ao seu destino. Realizaria uma viagem que há muito me tentava e ao mesmo tempo contribuiria para evitar uma desgraça que eu previa inevitável. Ela aceitou contrariada a minha companhia. Ia cheia de ideias românticas a respeito do futuro marido. Era um negro, pensava ella, que por sua influência se adaptaria à civilização. Sonhava em poucos anos transformar o longínquo sobado num rincão maravilhoso, onde o progresso medrasse como seara em terreno prodigo. Eram tão fortes as suas ilusões que não tive coragem de quebrar-lhas. Esperei que a realidade, como um ciclone, desfizesse mais tarde as nuvens douradas dos seus castelos de imaginação.

«Em Dakar, veio ao nosso encontro, por especial incumbência do soba, que era poderoso e respeitado pelas autoridades francesas, um preto bastante culto e viajado a quem contei a situação da minha perceptora. E esse preto torceu o nariz, desalentado, murmurando: «*Vai arrendep-se, a pobre pequena.*» Marchando para o interior, Daisy sentiu-se chocada à vista dos habitantes pouco menos do que nús. Não desanimou. Agarrou-se

às suas ilusões como o naufrago à tábua de salvação. «*E se nós voltassemos para trás?*» — insinuou-lhe. «*Um contrato é um contrato*» — respondeu-me ella, firme e teimosa como um negociante inglês. Calei-me e segui. Teimava em designar o soba Marakamba — assim se chamava o misterioso novo — não havia outro remédio senão acatar a sua britânica opinião.

«Chegámos, finalmente, à vista do soba, que nos recebeu principalmente à sua maneira, com um chapéu de ócio impecável, tendo-se esquecido de calçar botas, e rodendo da sua corte orgulhosa dos seus trajos menos do que menores. Marakamba, solene e ingénuo, apresentou à futura rainha as suas três concubinas negras, que se desfizeram em cumprimentos e amabilidades que mal ocultavam o ódio mortal à branca preferida. Daisy queria consorciar-se ante um padre, à maneira europeia, mas Marakamba, que era mais esperto do que à primeira vista parecia, tirou-se de apuros dizendo que naquelas terras essa cerimónia era mais simples, limitando-se à mera troca de presentes. Daisy, resignada, aceitou. A meio do batique, que duraria dias, retirei-me dizendo à pobre rapariga que aguardaria algum tempo numa povoação próxima o resultado do *auspicioso enlace*. Se se visse afitia que me mandasse chamar. E disse-lhe ainda: «*Não acete comida nem bebida sem as fazer provar primeiro às concubinas de seu marido.*»

Poucos dias depois recebi uma chamada urgente. Foi encontrar Daisy ardoendo em febre e Marakamba muito penalizado, de botas calçadas, tendo indício civilizador da presença da inglesa. Decidi levá-la a um médico distante. Descobri então que as causadoras do mal haviam sido as concubinas, que não podiam suportar a rivalidade da branca. Aparentando uma grande simpatia por ella, um dia, ofereceram-lhe café que a fizera cair em profunda sonolência. Quando acordou, dois dias depois, sentia uma dor horrível no estomago. Em Dakar os médicos descobriram a origem das dores e da febre. Daisy engurta durante o sono um pedacito de madeira rija que as suas rivais lhe fizeram enguir. Trouxe-a para minha casa em Lisboa, onde foi operada. E hoje, de novo caída, sonhadora, como dantes, faz a mesma vida de outrora sem levantar sequer um olhar para os olhares provocantes dos conquistadores lisboetas.»

— E Marakamba? — preguntámos, cheios de curiosidade.

— Soube há dias, pelo *Daily News*, que foi destituído pelas autoridades francesas por ter executado duas das suas concubinas, que foram martirizadas por fogo lento e depois cortadas em pedacinhos. O homem, saído da espora branca, vingou-se das concubinas que lha fizeram perder para sempre. Daisy, quando em silêncio lhe mostrei esta notícia, exclamou, luzindo-lhe os olhos de porcelana: «*Éra um bom homem esse preto! E a sua voz estava tremula de ternura.* Nunca mais profereu palavra sobre essa aventura, mas, a pesar-de tudo, guarda em sua alma uma impressão deslumbradora.

GUIDO RUIVO



# Aventuras de um conhecido actor português

ESTE affaire oferece essência valiosa para um conto literário. Mas aproveitá-lo como literatura seria cometer um grave sacrilégio jornalístico. Os seus heróis vivem, pensam, sentem como quem escreve e quem lê estas linhas — e alguns deles devem ser do vosso conhecimento, se não da vossa intimidade. Um pouco agudeza característica — e as suas verdadeiras personalidades surgirão, eloquentes, flagrantemente, sob as máscaras que lhes afeivamos. Não é um conto, urdido em fantasia, é uma reportagem fotografando um episódio da vida real...

HÁ poucos meses, no início da primavera, o rápido de Lisboa, estacando ante a *gare* de S..., apenas despejou um passageiro. Em S..., uma *coquette* cidade provinciana da Extremadura, anoitece cedo e a sua população recolhe pacatamente aos lares logo que o sol é servido pelo mesmo mata-borrão do poente. O recém-chegado, depois de confiar a maleta que o ajuizava ao corretor do melhor hotel da terra, tomou um *auto*, frente à estação, e partiu para o centro da cidade. Aquela silêncio e sossego a uma hora em que Lisboa se agita na sua máxima convulsão deviam amodorrar o espírito do viajante. No hotel, cumpridas as burocracias dogmáticas, subiu ao

quarto que lhe destinaram — ao fundo de um longo corredor, todo marginado de portas. Uma dessas portas estava entreaberta. O recém-chegado, sem intenção de bisbilhotar, relanceou a vista; e logo se alegrou, exclamando um «ora ainda bem...» entusiástico. O habitante daquele quarto era um latagão espadado, de feições energicas, rosto escanhado até à derme e trajando com uma elegância mais vistosa do que pretenciosa. Srandava em redor de um maço, como que atarefado nos preparativos de uma viagem. O recém-chegado, acercando-se mais da porta, chamou-o: — «Oh! Castro Lemos! Tu, por aqui?» Castro Lemos estremeceu com uma criança assustada; mas, reconhecendo o amigo, esforçou-se por combinar historicamente uma expressão de contentamento e vindo abraçá-lo, perguntou-lhe pela *gareta* e se via em serviço jornalístico — pelo que se concluiu que este era reporter. Por sua vez o jornalista indagou de Castro Lemos se estava em *tournée* — pelo que é fácil aperceber-nos que o outro era actor. O diálogo foi curto porque o reporter surpreendeu o amigo numa evidente contrariedade que a custo ocultava. Dir-se-ia que tinha pressa em libertar-se daquela testemunha e que temia que esta se aproximasse demasiado da mala. O jornalista despediu-se imediatamente — mas não partiu sem primeiro lançar um furtivo olhar para o conteúdo do maço; e o que viu — picou-o de sérias suspeitas... Castro Lemos estava, pela certa, a preparar uma das suas.

Castro Lemos é um pseudónimo — uma máscara — e o artista que rotulamos com este falso nome, não roçando pelo génio, pertence a uma categoria lisongeira, entre os «quasi-primeiros...» do nosso teatro. Mas o que, sobretudo, o notabiliza é a sua alma de aventureiro, o seu passado inquieto e tremeludo de aneddotas, os seus excentricos engenhos para alcançar as quantias cubiçadas em momento de crise. A sorte tem-lhe sido adversa nestes últimos anos, obrigando-o a amadurar as suas proezas; mas todos lhe perdoam as façanhas, até as vítimas, muitas vezes, não só pela simpatia que segrega como pela inteligência de que dispõe, tornando-o não num *escroc*, mas num gracioso herói de comédia...

Castro Lemos estava desrempregado. Negra era estivesse em *tournée*. Ora os artistas só raramente viajam como turistas. Portanto, se a sua presença em S... era, já por si, suspeita — o conteúdo da sua mala mais suspeito o tornava...

O jornalista, cuja missão naquela cidade provinciana não exigia grandes urgências, predispos-se a vigiá-lo. Ao sair do hotel foi abancar a uma espécie de *café* — fronteiro donde via, sem servir, o vestibulo... Castro Lemos pouco se demorou... Estacou no passeio, inchou o torax numa atitude de cartaz muito suu, circunvencendo o olhar com bem afectada despreocupação — e desfechou-se em direcção à Rua Central. O jornalista foi-lhe na perseguida; assistiu a uma curta paragem frente aos mostruários de uma loja de vende-tudo (móveis, doces, louças, artigos funerários, etc.) que era talvez a única aberta



aínda àquela hora; e vendo-o continuar o seu caminho, seguiu-o. Entrou, por fim, numa rua sinuosa, mal ladeada e pior iluminada, e estacando frente a uma casita vetusta e encardida, tornou a espreitar para todos os lados, sem ocultar o receio de ser espiado. A seguir, desembolsando uma chave, abriu a porta, entrou e fechou-a...

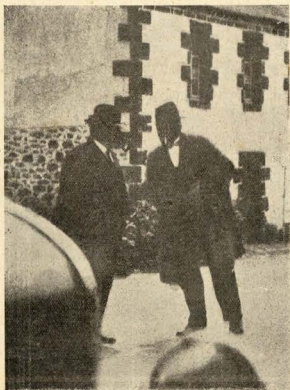
O jornalista não pôde calcular o tempo que se manteve. Sabê, sim, que ia a retirar-se, farto de esperar qualquer acontecimento, quando um moço do hotel, sobraçando um embrulho, surgiu na via e depois de examinar a numeração bateu à mesma porta. A porta abriu-se; o moço entrou e tornou a sair, já sem o embrulho...

O jornalista desistiu do seu quarto de sentinela; a uma hora depois, de volta de um passeio pela cidade, encontrou-se novamente na Rua Central — frente à loja onde Castro Lemos estivera parado. Neste preciso momento, o lojista, tipo escímo do agiota provinciano, acompanhou até ao passeio, curvando-se em grandes salamaleques, o indivíduo alto, louro, que trajava como um desses ingleses de exportação, termo médio entre o homem e a cegonha, que percorrem o mundo de *kodak* e binóculo a tiracolo, fato emxadreado, meias de *golf* e óculos de ar de tartaruga. A simples contemplação daquele guarda-roupa emocionou o jornalista... Emocionou-o por tal forma que deixou partir o inglês — e não o seguiu.

Meia hora depois, guiado por um palpite, voltou à via. Uma das janelas-guilhotina estava iluminada. Que esperava o jornalista? Ao certo não sabia, mas a sua presença ali, àquela hora, depois do que viria na Rua Central, não era completamente disparatada... E tanto assim que à meia noite em ponto o lojista da Rua Central, seguido dum moço — e este transportando às costas um velhíssimo contador hispano-árabe — bateu à porta da casita já citada. Mas, com grande pasmo do reporter, em vez de Castro Lemos foi uma velha inglesa, em bata e com a cabeleira borbotada de papéletes, quem viera abrir a porta.

Durante todo o dia seguinte, Castro Lemos, esquivando-se ao encontro do jornalista, apenas manteve com este uns minutos de palestra sem

(Conclue na pag. 11)





Adama do «homem do anzil».

SOMOS quasi sempre dos últimos a acabar de almoçar pela razão simples de sermos dos últimos a principiar. Na quarta-feira passada, servido o café com que habitualmente rematamos a refeição, quedimo-nos à mesa sonolentos, alogoados pelo calor e deslumbrados pela luz violenta destes dias estivais, asfixiantes, abraçadores. O nosso olhar perdia-se no azul luminoso do Telo, que corre manso a poucos passos, sulcado de embarcações preguiçosas, lentas, de velas caldas por falta do alento de uma briza. O nosso pensamento adejava sem rumo certo, como mariposa volúvel e hesitante, sem pousar numa aspiração forte, sem demandar uma realidade ineludível, ao acaso do torpor que o entontecia.

Os cavalheiros desculpem-me o atrevimento... Era um homem moreno, olhos pretos, um pouco curvado para a frente, um sorriso leve no rosto simpático, que se nos dirigia de choque. Despertados daquela sonolência quasi agradável, olhámo-lo com curiosidade. E ele, compreendendo talvez a pergunta que o nosso olhar exprime, esclareceu:

— Há muitos anos que nos conhecia. E apontando-nos, um por cada vez, designou:

— É o senhor Reinaldo Ferreira e o senhor Mário Domingues. Com licença — disse arrastando uma cadeira e sentando-se. — Sou um frequentador apaixonado, vicioso, deste bairro, há vinte anos pouco mais ou menos. Quando os senhores começaram a aparecer aqui pelo

# A bémia cosmopolita de Lisboa

O FALSO COMISSÁRIO DO POVO

— Este caso, sei eu, é bem conhecido pelo senhor Mário Domingues. Não o conheço completamente, mas eu vou

«Royal», pelo «Londres», pelo «English Bar», hoje «British Bar», pelo «Café de France», já desaparecido, pelos centros de cavaco e de aventura deste bairro originalíssimo de Lisboa que é o Cais do Sodré, já eu era um veterano. E, no entanto, a vossa estria fez-se há uns quinze ou dezasseis anos, não é verdade?

Com efeito, o homem não se enganava. Entreolhámo-nos, confirmando com um aceno de cabeça aquelas palavras rigorosamente certas. Nós, porém, não nos lembrávamos de jámais ter visto aquela cara.

— Como vêm — proseguiu ele, — não estou mentindo. Conheço-os muito bem. Segui com atenção e simpatia a vossa evolução jornalística, os vossos triunfos e as vossas reportagens. E há dias disse para comigo: «É impossível que êques les rapazes não interessem histórias e aventuras de estrangeiros e portugueses que por aqui têm passado, nestes quatro países de Lisboa, e vivido os seus dramas e as suas horas alegres de uma boémia cosmopolita curiosíssima.

Nós eramos todos ouvimos. A linguagem, por vezes pitoresca, daquele inesperado interlocutor, observava, emocionava. E durante mais de três horas demo-nos ao prazer de escutá-lo. Alguns dos episódios que nos contou eram absolutamente inéditos; outros eram nossos conhecidos e viviam ainda palpítantes na nossa recordação, na nossa

saúde daquele tempo de juventude alegre em que nós procurávamos, com a avidéz dos recém-chegados à vida, o mistério, o desconhecido, a aventura, a visão de cidades longínquas, de civilizações remotas, através da convivência dos estrangeiros que passam todos os dias por aqui, desembarcados hoje, desaparecidos a amanhã, perdidos num rumo diferente que jámais voltará a cruzar o nosso caminho.

contar o que sei e o senhor contava-me o resto, porque tenho a certeza de que as duas metades que possuímos se ajustarão perfeitamente, formando um todo. Ai por alturas de 1924, princípios de 1925, começo a parecer aqui pelo

«Royal» — um velho de aspecto imponente, andar vagaroso e solene, longa barba branca de apóstolo, um sorriso insinuante, bondoso, na face rosada. Vinha a horas certas: depois do almoço, conservando-se embebido na leitura dos jornais até às cinco, seis horas da tarde; depois da hora do jantar, permanecendo das nove às onze. Durante estes estagios regulares bebia regularmente duas ou três cervejas espumosas. A figura daquele velho começou a interessar-me. Quem seria aquele homem? Que vida levaria? Dir-se-ia a um daqueles ingleses pacatos que ao cabo de uma vida metódica de trabalho resolve emigrar para um clima temperado onde vou aguardar, com ripanso, a hora extrema, cercando-se de comodidades, evitando sobressaltos para prolongarem o merecido descanso da velhice. Interrogados os crendos, nenhum dêles o conhecia. Até que uma noite enchei-me de coragem e



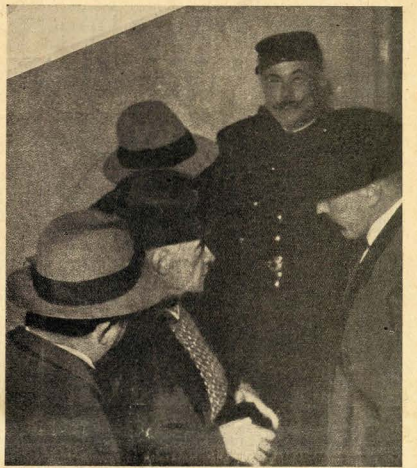
O «Royal» de gratas recordações...

dirigi-lhe a palavra. Falava um francês correctíssimo e havia na sua voz e nas suas conversas um encantamento irresistível. Contou-me, então, que era russo, pertencia mesmo — e a sua voz quasi se sumia numa grande modestia — a uma das mais conhecidas famílias da aristocracia russa. Possuía ainda um pequeno rendimento de papéis franceses que lhe permitiam uma vida ao abriga da miséria. E sempre que podia, apesar da idade quasi não lho permitiu, ensinava linguas, visto ser um poliglota distinto, como tive ocasião de verificar, pois falava, além de russo e de francês, inglês, alemão, italiano, grego e espanhol.

— Pouco a pouco, o velho foizse relacionado com alguns frequentadores do «café». E como era um conservador elegantíssimo, dava prazer ouvindo falar dos bons tempos da sua mocidade na corte russa, na Sibéria, onde comandava um regimento, na tragedia da revolução bolchevista e nas suas aventuras através da Europa que começou a percorrer, qual judeu errante, depois do triunfo soviético. Quando chegava à sua hora de saparece, ninguém sabendo onde morava, nem o que fazia durante o tempo que não desperdiçava no «café».

— Um dia apareceu triste. E como os companheiros o estranhavam, confessou que o seu acanhamento provinha de umas complicações que haviam surgido no Banco francês de onde lhe vinham os seus rendimentos e que êle só poderia resolver indo pessoalmente a Paris, mas não possuía dinheiro para a passagem. Fez-se uma subscrição entre amigos e arranjos-se-lhe a importância necessária para a viagem. Mas êle tardava em partir. Hoje porque se sentia atarado e temia cair gravemente enfermo durante o percurso, amanhã porque havia umas complicações burocráticas para lhe visarem o passaporte, foi ficando. Os amigos começaram a desconfiar dêle.

Pouco a pouco, a simpatia de que era alvo foi esfriando. Começava a cair em contradições. E, por fim, quasi todos evitaram a sua convivência. De súbito desapareceu para não mais voltar. E só passados dias sobre a sua ausência constato, ao nosso ideal terra triunfando plenamente. Bela Khun considerava-me o seu braço direito, o povo adorava-me. Eu era o Comissário do Povo para o Comércio. Mas a fatalidade não permitiu que gozásemos o nosso triunfo por muito tempo. A contra-revolução obrigou-me a fugir. Tenho andado de terra em terra. Consegui um passaporte grego com o nome de Kostelius e, torçando a minha



Aventuras de estrangeiros e portugueses, com intervenção da Polícia...

— Sim. Vi uma vez, de fugida, no seu passaporte uma palavra que não tornei a esquecer: Kostelius.

— Exactamente, Kostelius — confirmámos — Conheço perfeitamente êsse velho. Quem o trouxe pela primeira vez ao «Royal» foi eu.

E cubte-nos, então, a sorte de contar o que sabíamos da passagem êsse homem por Lisboa. Uma noite entrou pela redacção da *Batalha* um velho respeitável, marchando com dificuldade, apoiado a uma bengala. «*Monsieur le redacteur chef?*» — perguntou. Atendi com solicitude. Tado êle não inspirava confiança. Quería falar-me em particular. Escutei-o. «Eu fui um dos comissários do povo da Comuna Húngara. Se não fosse a guerra sem tréguas das nações burguesas, o nosso ideal teria triunfado plenamente. Bela Khun considerava-me o seu braço direito, o povo adorava-me. Eu era o Comissário do Povo para o Comércio.

Mas a fatalidade não permitiu que gozásemos o nosso triunfo por muito tempo. A contra-revolução obrigou-me a fugir. Tenho andado de terra em terra. Consegui um passaporte grego com o nome de Kostelius e, torçando a minha

idade, vim parar a Portugal, seguro de que a organização operária, onde há corações generosos, não me desprezará. Fôra eloquente e comovedor. Nem um só instante duvidei da sua sinceridade. Aquêle homem, com aquelas barbas, a vasta cultura que se adivinhava através da sua conversa fluente, as suas maneiras educadas, não podia ser um intrujão vulgar. Expliquei a sua situação à C. G. T. Fiveram do dele e estabeleceram-lhe uma pequena pensão semanal. Um amigo, José Augusto Machado, socialista muito conhecido, com pena do velho, levou-o para sua casa, dando-lhe a cama, mesa e roupa lavada, para que o pequeno auxílio da C. G. T. lhe sobresse para fumar e vestir-se. Kostelius apresentava, ao cabo de alguns dias, o aspecto de um velho burocrata aposentado que gastasse o tempo em prazeres inocentes.

O frequentador do «Royal» escutava-nos cheio de curiosidade.

— Agora vamos ao epilogo — proseguímos nós. — Uma tarde apareceu-me um outro estrangeiro (eram vulgaríssimas estas visitas) a querer conversar

(Continua na pag. 12)



# No pórtico de um novo ano de labuta

NADA doseia tanto de emoção a curiosidade das multidões — ou do indivíduo visto que sem o *individuo* não pode existir o agrupamento — do que a «porta trancada». A tirania do «não se pode entrar» está para a asfixia do espírito como o vácuo para os pulmões. E assim como os últimos segundos do naufrago agonico são duma embriaguez apotótica de miragens — a tortura do que esbarra com a muralha infranqueável é uma morfina de visões. O pré-gor do pórtico escancarado ao público entrouque na lenga-lenga do programa e no reclamo da barateza dos lugares — ao alcance de todas as bolsas; mas desde que existe um «alem» hermetico onde se preparam as *feeries* para o deslambamento do público — é o «alem» e não a sala de espectáculo o que atrai esse público, o que o adoece, o que o obriga à garotice de espreitar... Sem o mistério da cozinha — os *restaurants* não seriam a gulosame apetecida dos que comem habitualmente, em casa. Sem os segredos de sacristia — onde muitos gregos retrógrados adivinham telepatias marcónicas — a igreja não teria atingido o dominio das almas. E a quimica — se escancarasse os laboratórios a todos os leigos? E o próprio teatro — se franqueasse os bastidores a todos os *coyds*?

O *Reporter X*, precisamente porque difere do lugar-comum, porque se edifica, todas as semanas, de forma a que cada página seja uma *boite à surprises* e porque se cerca daquela independência indispensável à manufactura de um jornal do seu estilo, da sua actividade combativa e do seu objectivo... radiográfico — despertou no espirito dos seus leitores essa lentidão de bastidores que Eva inventou ao contemplar a primeira maçã. Dai o germinarem-se, pela semente do ópio, fantasias que não são muitas vezes desproporcionadas — mas que disparatam pela falta de visão das realidades. Um antigo condiscipulo nosso e nosso brilhante colaborador da secção do estrangeiro entrou um dia ao nosso «laboratório jornalístico» acompanhado de um amigo. Notámos todos, na

atitude de ambos, uma transparente afeição: a do nosso colaborador significava certa ironia; a do companheiro — certa emoção. Cada gesto nosso; cada vez que premiamos uma campainha a chamar um *chasseur* ou que retinha o telefone; cada vez que uma porta se abria ou uma voz soava, éramos surpreendidos por um estremecimento nervoso do nóctilo, seguido dum olhar relanceado e dum vago sorriso do seu introdutor. E este explicou-nos: — «O meu amigo Z... como muitos outros, pedía-me, com frequência, que o trouxesse ao *Reporter X*. Estão convencidos de que vocês usam aparelhos ultra-marconcicos para escutar as conversas mais distantes e que os vossos reportéres, além de possuírem em sua casa guarda-roupa de Fregoli e *batons de maquillage* à Lon Chaney, surgem nos vossos gabinetes por meio de capótes de magias. Se houvesse quem me garantisse que esta redacção tem sete portas falsas, fóra saídas ignoradas para despistar perseguidores — e caminhos subterrâneos que vão dar não sei se a aerodromos secretos se a viveiros de submarinos!!!»

É possível que tivéssemos quebrado esse encanto cinéfilo revelando, no nosso número passado, a reportagem de... todos os mistérios do nosso primeiro aniversário. Seja como for e ao contrário das calúnias que os adversários põem às vezes a rabiar contra nós — apenas cultivámos a verdade e pretendemos viver enjaulados pelo cristal diáfano que, isolando-nos, ocrece-nos, sem artificio, à curiosidade de toda a gente...

Narrámos, numa simplicidade de palestra amena e numa sinceridade de atores letos, todos os segredos dos nossos bastidores e do nosso trabalho — durante o primeiro ano de vida. Se de facto não podíamos aguardar maiores êxitos nem melhores tiragens revaloradas da simpatia do público — verdade é também que não podíamos trabalhar com maior entusiasmo e com maior dedicação e honestidade! E agradecendo o aplauso e o bom acolhimento não somos tão hipócritas que neguemos o considerá-los como premio justo do nosso esforço.

Mas águas passadas, mesmo que milagrosas na pesca dos marinheiros da Nazaré, já não voltam a mover moínhos... nem as rotativas dos jornais. Na nossa vida legítima e moeta — porque o «Reporter X», modestia à parte, trouxa pela primavera dourada e entusiástica de juventude que o orienta —, o passado não marca e só o futuro nos emociona com ve. Um ano findou — e findou bem. Este, o novo, melhor há-de começar para melhor terminar e para que o outro, o terceiro, seja uma pilha de esperanças para bem de todos — dos que o fazem e dos que o têm! Grandes reformas, já iniciadas, garantem, em conjunto, essa metamorfose. Como aventureiros de Alaska, os nossos reportéres — farejam — e encontram já filões ignorados — filões de reportagens insuspeitadas nas cidades e nas províncias. Lisboa será focada de

novas trincheiras — revelando mistérios que ninguém supunha anichados nas suas entranhas.

No Porto, em Coimbra e Braga estão-nos preparando rodapés folhinescos, sensacionais, que devem não só alertar as cidades holofoleadas como despertar o maior interesse em todo o país. Os nossos principais realizadores — a começar pelo director e chefe da redacção — seguindo um plano jornalístico-cronográfico, lentamente estudado, percorrerão todas as principais povoações portuguesas, arrancando lhes, um por um, todos os segredos dignos da emoção do público. A reportagem internacional não foi esquecida nos nossos projectos. Além de um *raid* ao norte da Africa, onde nos é prometida uma revelação histórica — materialmente provada — das mais impressionantes que se registam no jornalismo europeu, organizadas estão várias viagens à Italia, à Scandinávia, aos Balkans e a... Perdão... Esta é segredo ainda!

...Quando o *Reporter X* n.º 1, imperfeito como todas as improvisações, caiu nas mãos do director da grande revista espanhola *Estampa*, este segredou ao português que o exhibira: — «Graficamente, o meu jornal é melhor; mas na essência, no interesse, era isto o que eu queria fazer, e não me conseqüa! Quem me dera ter feito em Espanha isto mesmo imperfeito graficamente.

Em vez dos 180.000 exemplares que vendia, venderia o dobro.» O próprio Brasil, através dum dos seus maiores órgãos — *A Noite* —, declarou: — «O *Reporter X* seria o maior êxito jornalístico da imprensa brasileira.» Lisongiam-nos, mas não nos negam nem nos envaidecem. Queremos ser apenas o que prometemos desde o principio: «Semanário das grandes reportagens.» E — verdade seja dita — já não é pouco...

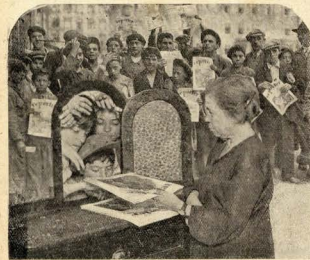


Américo Faria, nosso distinto colaborador

## PERSONNE: NINGUÉM...

O sr. Emilio Personne, que já tivemos a honra de apresentar aos nossos leitores, resolveu tomar uma atitude arrogante e botar tardiamente carta pomposa no *Diário de Notícias* explicando ao povo português, por quem tem sempre manifestado o mais insultante desprezo, que foi vítima de uma calúnia do *Reporter X*.

Estamos habituados a encontrar no nosso caminho o aventureiro deste jaz. Disse o Personne que nos ia processar. Acharmos bem. Teremos ocasião de explicar ante a Justiça portuguesa, que éle diz estar habituado a comprar, quem é esse homem, meio sueco, meio belga, que considera Portugal um país de negros timidos ante o prestígio, mesmo merecido, dos estrangeiros. É um negro português quem toma a responsabilidade do artigo que éle quer contestar. Esse negro provar-lhe-á que, em qualquer dos campos, nem todos os portugueses se curvam ante a sua corpulência. No tribunal como na rua o negro demonstrará que um português — preto ou branco, mas sempre português — é homem para se bater contra a infâmia em favor da Justiça.



No primeiro plano: D. Amélia Ferreira, chefe da Secção de Vendas das nossas publicações, atende logo de manhã a multidão dos «ardnans». No último plano: Um grupo de vendedores alegres, que cantam todo o dia o prego que o público espera ansioso: «Olha ô Reporter!»

# Aventuras de um actor português

(Continuação da pag. 7)

objectivo. Ao anoitecer repetiu-se a cena da véspera — indo o reporter na peugada do artista até à mesma casa da viela. Mas, ao contrário da noite anterior, as surpresas não vieram de fóra... Perto da meia noite saía uma dama do casbete — uma dama de aspecto bem português, jóvem ainda, bem fornida de carnes e bem trajada e enjoadada. Essa dama dirigiu-se directamente à lojaça da Rua Central; demorou-se cerca de duas horas em conciliábulo com o lojista; e ao partir, encaminhou-se para a gare, tomando o «rápido» do norte. Contudo, como o jornalista perdera a noite numa ceata que lhe ofereceram, eram cinco da manhã, tornou a vê-la, dentro d'um «auto» que se dirigia para a viela. O reporter abandonou os seus amigos, mas o seu passo, por muito veloz que fôsse, não alcançava o «auto». Quando lá chegou — a casa estava tão adormecida como a cidade... Mas eis que a porta se abre e aparece Castro Lemos. O jornalista apenas teve tempo de se occultar. O outro olhou em redor com a prudência do costume — e assobiando uma ária de revista encaminhou-se para o hotel — em cujo vestibulo ambos se encontraram. — «Que tal, Castro Lemos? Que notidas são estas?» E o outro respondeu: — «Estive a jogar o volta-rete num «café» da Rua Central.» E já não se tornaram a vêr enquanto permaneceram em S...

— Mas afinal que significam todas essas histórias? — perguntou-me a pessoa a quem eu estava a relatar este episódio da vida de Castro Lemos.

— Eu explico — disse-lhe. — Contaram-me a fazer-me de rir a bom rir. Um amigo de Castro Lemos tinha sido burlado em cerca de 20 contos por aquele lojista, especimen do honrado commerciante *double de patife* sem escrituras, dentro da lei... Esse amigo pensou em suicidar-se porque aquele dinheiro não era dele. — «Quanto me dáste tu se arrancar dêsse judeu o que é de ti deve e nega, e outro tanto que não te deve?» — «Don-te 50 por cento!» — jurou o outro sem grandes esperanças. Costa Lemos urtiu um plano, investigou certos detalhes da vida do lojista e partiu para S... Uma vez lá appareceu-lhe sob o disfarce de *bric-à-brac* *qu sta* inglês e comprou-lhe um contador hispano-árabe que é de lá tinha — um cangalho sem valor — e pagou, sem regatear, os 300 escudos que lhe pediu, dizendo que a esposa o vira de tarde e que ficara encantada com o móvel. O lojista foi, é, próprio, levar o móvel naquela mesma noite (não se arrendesse o inglês!) e conheceu então a esposa do comprador — uma *lady* de exportação, feis-

# Detective X

## Al Capone e o seu exército

### Al Capone, o rei dos bandidos nessa terra de reis que é a democrática república



dos Estados Unidos da América do Norte, tem ao seu serviço um verdadeiro exército, que entra com frequência em acção nas próprias ruas de Chicago. A estratégia dêsse exército é muito especial, difere muito da empregada nas guerras pelos estados maiores. O *Detective X* vai revelar os *trucs*, as artimanhas, as diversas táticas que Al Capone emprega para obter os seus triunfos formidáveis.

ma e desleal! Na noite seguinte surge ao mesmo lojista uma outra inglesa, tipo de consumo nacional — bela, elegante, bem enjoadada e bem vestida que, muito nervosa, lhe pede para vêr um contador hispano-árabe que éle, lojista, devia possuir do leilão da casa Z... O agiota declara que já o vendeu. Ela, cada vez mais enervada, oferece-lhe quantias fabulosas — e o lojista, attonado com tudo aquilo, desespera-se pelo *mau negocio da véspera*. Por fim a misteriosa estrangeira desbafa o seu segredo: «Eu fui *instiurice* da casa Z... e sei que nesse contador existe um fundo falso e que nesse fundo estão occultas 15.000 libras. Só agora me chegou a Londres a noticia da morte do dono e do leilão dos móveis. Tomei o primeiro vapor — disposta a adquirir êsse contador por qualquer preço e guardar só para mim a fortuna que occulto. Mas visto isso — como só o senhor é capaz de reaver o móvel dando qualquer indemnização ao comprador (para a qual entro com metade) estou disposta a dividir consigo o recheio... Feito o accordo, a dama partiu, prometendo voltar no dia seguinte e dando o seu endereço de Lisboa — Avenida Pálace... Na manhã seguinte o lojista avariou procurar o inglês, mas só encontrou a esposa — o que o alegrou, porque as mulheres se d'ikam sentir mais facilmente pelo dinheiro. Mas aquela resistiu com energia teimosa a todas as propostas. — «A minha última oferta! — declarou o agiota, suando. — Pago-lhe êsse cangalho, que lhe custou 300 escudos, por 20 contos!» — «Vinte e cinco e pagos já, e eu aceito — respondo a inglesa. — Mas já, antes que me arrependa.» E o lojista, agou, elevou o contador, esburacou-o por todos os lados, sem encontrar fundos falsos nem sequer uma moeda de cobre; e a misteriosa dama nunca mais appareceu; e quando éle a foi procurar ao Avenida Pálace — os porteiros affirmaram que nunca a tinham visto.

— É Castro Lemos?  
— Castro Lemos entregou ao seu amigo os 20 contos prometidos e guardou o restante. A minha suscita nasceu ao espetrar o conteúdo do seu malão — no hotel. Estava cheio de fatos teatrais... para ambos os sexos — e dois dos que ficxi melhor eram precisamente o de turista inglês (axadrezado) e o da bata com que a *lady* appareceu ao lojista. Castro Lemos foi o comprador, foi a esposa, foi a misteriosa dama. Encarnou as três personagens. Despia um fato, fazia uma caracterização; e depois outra; e outra. E' mestre no *travestit*! E' um grande artista. O agiota nem por sonhos supôs que lidava com a mesma pessoa — com o *mesmo homem* — ao falar com as duas *damas*... O seu empatre de capital constou apenas do aluguer dos trajas no *costumier* Cruz, da Rua do Mundo; na viagem e estadia em S... e no aluguer daquela casa, na vella sombria. Ao todo 800 escudos. Ganhos 4.700! E' bem uma parti.da das suas...

OS MILITARES

ALVAIADES

EM MASSA

Quereis dinheiro?  
Jogai no

*Gama*

R. do Amparo, 51-LISBOA

PREÇOS CORRENTES  
Pelo correio mais \$80 para registo

Sempre sortes grandes!!!

# A boémia cosmopolita de Lisboa

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 9)

comigo em particular. Já estava habituado àquelas conversas. «Sou — disse ele — um perseguido e desejo que a C. G. T. me auxilie a passar para a América do Norte. Não quero explorá-los. Facilitem-me o mais depressa possível uma passagem para o Novo Continente e cedo se verão livres das maças e despesas que lhes causo.» Era um homem dos seus vinte oito a trinta anos. Falava em alemão. — «Qual é a sua nacionalidade?» — perguntei-lhe. — «Húngaro» — respondeu-me ele. — «Então deve conhecer um seu confratão que vive em Portugal, auxiliado por nós. Foi comissário do povo da Comuna.» O rapaz franziu o sobrolho. E como nas mágicas e nos romances, o velho decidiu aparecer precisamente naquele momento. Apresentei-os. O mais novo começou a interrogar o velho. Eu não percebia uma palavra mas adivinhava tudo. Kostelius fizera-se de mil cores. Em determinado momento, o rapaz, olhar incendiado e gesto iracundo, apontou-lhe a porta da saída. E o velho, cabeça baixa, desapareceu. Era um falso comissário do povo, um intrujão vulgar.

— Foi nessa altura — disse, rindo, o nosso interlocutor — que surgiram as complicações no Banco onde o nosso burguês tinha os seus depósitos. Nem burguês, nem aristocrata, nem comissário do povo.

— E tornou a vê-lo? — perguntámos.

— Não. Nunca mais o vi. Deve ter morrido.

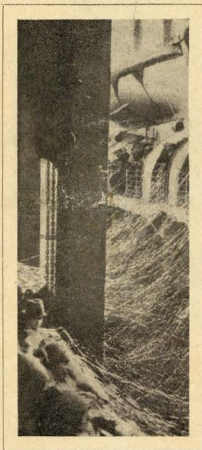
Que a terra lhe seja leve.

## O «HOMEM DO ANIZ»

Recordam-se do que foi o verão de 1915, em Lisboa? Nós, ao evocá-lo, julgamos sentir na epiderme as suas ardências tropicais. Mal acabávamos de jantar, descíamos ao Cais do Sodré, como os ingleses que fogem do nevoeiro veraneando na suavidade do Egipto — ou como emigrantes que regressam à pátria. O Cais do Sodré — sobretudo nessa época, a época do início da guerra —, com a cenografia fronteiriça do Tejo, coagulado de vapores, com os seus *cafés* — o «Royal» e o «London» — e os respectivos sextetos que ofereciam o encanto da música ao interesse do ambiente; e os seus terraços povoados de um mundo cosmopolita e variado como um *music-hall* — marinheiros e oficiais, espídes e detectives, *profiteurs* e novoricos em embrião, *cocottes* e aventureiros, alemães e aliados de todos os países que batalhavam contra a Alemanha, fardas de todos os estilos, homens de todas as cores e de todas as raças —, o

Cais do Sodré, dizíamos, na relativa frescura da noite beijada pela brisa do rio morfinitava as nossas almas de jovens utopistas com o sonho das viagens e das aventuras, como se estivessemos a bordo dum babilónico transatlântico heroificando uma novela emocionante...

Foi numa dessas noites do verão de 1915 que notámos, pela primeira vez, isolado numa mesa vizinha à nossa, no terraço do «Royal», um excêntrico que nos chamou a atenção. Bastava o facto do seu isolamento (a sua mesa era



a única que se ocupava com um só cliente) para nos alertar... Mas havia outras razões: o seu traje todo branco, como um africanista (nem o *panamá* faltava para o specimen ser inteiro); a sua atitude; a frequência com que repetia os cálices de uma bebida branca que emborçava como se fosse água, etc., etc....

— «Também eu o havia notado já — recorda o nosso informador. — E notara certos detalhes: a curiosidade que ele

despertara em vocês e a que vocês tinham despertado nêle. A certa altura, com o pretexto de não ter compreendido certa frase que uma *trotteuse* lhe lançara, travou conversa com os meus amigos; e logo, como quem cumpre um dever urgente, explicou-lhes (parece-me que o estou ouvindo): «Sou argentino e negocio em gado. Estive em França a tratar dos meus negócios e apeteceu-me vir a Portugal conhecer este belo país.» Já não os largou nessa noite... Houve um pormenor que fixei. Em certo momento disse: «Os senhores, como jornalistas...» Depois, como que arrependido, explicou: «Digo jornalistas porque ouvi-os falar de jornais...» Na noite seguinte, quando cheguei ao «Royal» já ele lá estava — exteriorizando certa impaciência. Vigiei-o discretamente — e por o vigiar surpreendi-o alvoroçado bruscamente. Porquê? Porque vocês acabavam de apear-se de um eléctrico. Convidou-os para a sua mesa. Não aceitaram. Tentou reatar a palestra. Não o conseguiu. Os meus amigos tinham sentido o palpite do perigo daquela companhia. E tanto assim que, quando ele, um pouco vexado pelos fracassos sofridos, partiu — chamaram o creado e perguntaram-lhe que espécie de individuo era aquele. O Rosalez — o velho creado do «Royal» que morreu o ano passado em Pontevedra — elucidou-os: «Ele *dix*e que é das Américas *maxe* fala um espanhol de Espanha. *Nox xamamos-lhe* o «home do aniz» porque bebe quasi uma garrafa dêle todas as noites...»

«O «Homem do Aniz» não tornou a tentar abordá-los; e apareceu então uma outra personagem: uma dama oxigenada, muito suspeita, tão suspeita como as desgraçadas que borboleteavam em redor do Cais do Sodré — mas que se portava com uma linha de dama aristocrática. Parecia não se conhecerem; mas — vocês já nessa época tinham alma de repórteres — notaram que sempre que ele ou ela iam ao W. C. — ela ou ele, mal o outro de lá regressava, dirigia-se apressadamente ao mesmo W. C.... Como não sou parvo compreendi que esta concordância não passara tão pouco despercebida a vocês, e tanto assim que em três noites seguidas fizeram a seguinte experiência: mal ela ou ele se erguiam com êsse objectivo — um de vocês se adiantava e obrigava-o a esperar. Depois, o outro, antes que o segundo fizesse a visita habitual, avançava para o W. C. e obrigava-o a esperar; e por fim, quando o segundo de lá saía, um de vocês voltava ao W. C....

«O «Homem do Aniz» foi preso pela policia da contra-espionagem em 1916

# A dama de branco do elevador de Santa Justa

(Continuação da pag. 4)

—um ano depois. Havia a certeza moral de que êle era um espia ao serviço da Alemanha — mas, como não se conseguiu provar como expediam as informações aos seus chefes, puseram-no em liberdade. Um de vocês escreveu no *Século* da noite uma reportagem sobre o «Homem do Aniz»; estava eu lendo essa reportagem, encostado a uma paragem dos eléctricos da Rua do Arsenal, quando vejo o pseudo argentino sirandar nas proximidades, como que esperando alguém. Esse alguém não se demorou: era a tal dama. Pouco se demoraram — o do que disseram apenas ouvi a seguinte frase: «Felizmente que os dois jornalistas não deram com o «correio»; e estou certo de que eles suspeitavam dos nossos encontros no «Royal»...»

O nosso informador calou-se — e um de nós explicou-lhe: «De facto sabíamos qual era o segredo do «Homem do Aniz», mas éramos muito novos nessa época e tememos uma imprudência, e dessa timidez resultou a impunidade do cavalheiro. E' certo que notámos a assiduidade e o método das visitas do casal ao W. C. e uma noite combinámos a nossa contra-espionagem. Um de nós apressou-se a essa visita — mal *ê*le se erguera para ir, como de costume, ao lavabo.

Os lavabos de «café» são ardozias onde os clientes desabafam a lápis as suas improvisações... — em prosa ou em verso. Vimos o que havia escrito pelas paredes — e demos a vez ao «Homem do Aniz.» Mal este saiu voltámos e após um segundo exame demos com alguns algarismos que não existiam minutos antes, desenhados a lápis vermelho e emoldurados a lápis azul. A dama seguiu-nos e nós, quando ela partiu, voltámos ao W. C... apenas para investigar, bem entendido. Os algarismos emoldurados tinham sido apagados e outros rabiscados a lápis negro os substituíam. Repetimos a experiência três noites — o suficiente para chegarmos à seguinte conclusão: O «Homem do Aniz» era o espia — aquele que arrebanhava informações e sobre quem mais facilmente caíam as suspeitas da Polícia. A dama, pelo contrário, levava uma vida impecável e ninguém podia desconfiar dela. O «Homem do Aniz» todas as noites ia ao «Royal» e graças a uma cifra combinada escrevia na parede do W. C. as comunicações importantes obtidas durante o dia. A cúmplice ia a seguir, apontava o que êle escrevera e, por sua vez, expedia-o para os seus chefes alemães. E, assim, estavam ambos garantidos... Do que eles se haviam de lembrar! Do W. C.! Os espias são muito porcos...

## QUEM É O INFORMADOR

Durante aquelas três horas de conversa quantos episódios evocámos, quantas cenas picarescas rememorámos! O nosso informador falou de Paris, como

de: «Venci-o! Estou livre! Não me deixem mais tempo sem Henry e sem a nossa filha. Venham ter comigo. Todos os caminhos são bons para voltarmos a estar juntos os três como antes de «êles» me separar de vocês! Venham! Sofro tanto de saudades!!!»

«Bellecourt não quis esclarecer o significado desta sessão. Retiraram-se logo! Não é por basófia mas senti algo como um aviso — um palpito — ao vê-los sair. Encontrei-os ainda duas ou três vezes por essas ruas — silenciosos, sonâmbulos, isolados deles próprios. Um dia — recordo a data porque foi na véspera do Domingo Gordo — *ê*le saiu do quarto e disse para os creados: «A menina está engripada e não se levanta. Não a acordem!» Não veio almoçar. À tarde subiu no elevador de Santa Justa e quedou-se na *passerelle* como quem contempla o panorama da cidade. Ao cair da noite, numa rápida decisão... inaugurou a trágica série. Os jornais da época comentaram largamente o caso... Eu conhecia-os porque era pensionista do mesmo hotel da Rua dos Fanqueiros. Fui eu até quem, à hora do jantar, levou a notícia. Correram ao quarto por causa da pequena. Bateram uma, duas vezes — ninguém respondeu. Arrombaram a porta, a cama estava vazia. Ninguém a tinha visto sair! Nunca mais se teve notícias dela. Orientados pelo que êle declarara sobre a sua personalidade, a Polícia escreveu para a Bélgica — para Bruges. Contestaram informando que não existia nenhuma família em Bruges com aquele apelido. Juro-lhe que este mistério apossou-se então dos meus nervos — e até hoje ainda não os libertou...

## A MULHER DE BRANCO

«Veja o *Século*, o *Noticias* e os jornais da época. Todos se referem a este caso... Mas o mais intrigante é que, a partir de então... Espere... Nunca ouvi falar na mulher de branco do elevador de Santa Justa? Quem primeiro a denunciou foi minha irmã — Amélia Rosado Monteiro — esposa do comerciante José Monteiro, que teve, muitos anos, uma casa de chapéus no Chiado, próximo da Rua Ivens. Residiam na Rua do Ouro — no quarto andar frente ao elevador... Minha irmã é asmática.

um parisiense, de New-York como um *new-yorkino*. O interior de África era-lhe familiar; os chineses dir-se-iam seus irmãos, de tal maneira êle conhecia a sua vida íntima. E mais duraria essa conversa adorável, se êle, de súbito, puxando do relógio, não exclamasse aterrado: «Cinco horas!» Saiu precipitado e nós verificámos com encanto que tínhamos encontrado a grande reportagem desta semana.

Chamámos o creado.

— Quem é este homem? — perguntámos-lhe.

Era Fulano, empregado numa agência marítima.

— E' um homem muito viajado — aventurámos.

O creado sorriu e informou:

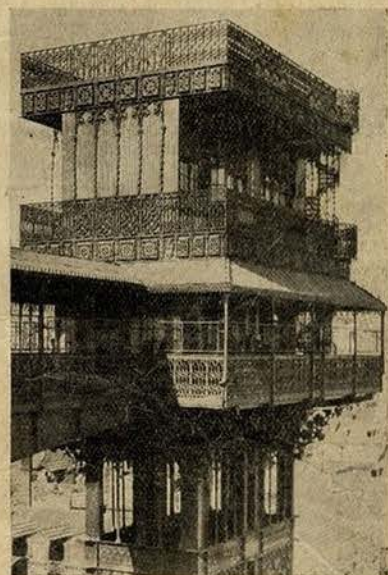
— Nunca saiu de Portugal...

REPORTER X  
E  
MÁRIO DOMÍNGUES

Passa noites inteiras sem sair da janela, com dispende. Semanas depois do trágico fim do Bellecourt viu no alto da torre, debruçada para a Rua do Ouro, uma senhora alta, envolta numa espécie de roupão branco.

Estranhou! A passagem para a torre está impedida. Ali ninguém vive — que se saiba. Como é miópe e a figura estava como que esfumada, foi buscar um binóculo de teatro. Mal o assestou, a tal figura, em vez de se lhe oferecer mais clara, dissipou-se. Durante três noites ocultou esta descoberta — temendo o ridículo de a revelar. Ao quarto chamou meu cunhado — e este confirmou a visão...

«Por um acaso não foi por êles que eu tive conhecimento deste mistério. Alberto Tavares, alto



funcionário da Casa G... um grande armazém vizinho, foi quem, depois de um serão em que viera fumar um cigarro à janela, me evocou o caso... Subi no dia seguinte a casa de minha irmã e, à meia noite em ponto, sem explicar a causa, fui para a varanda. E vi! Vi com êstes que a terra há-de comer... E ainda ante-ontem, meu caro amigo, e já lá vão muitos anos, tendo sido convidado a jantar por êles, ao dar a meia noite — meu cunhado, com o ar mais natural desta vida, disse-me: «Sabes, Manuel? A mulher de branco continua a aparecer!» Fui à janela e tornei a vê-la — com êstes que a terra há-de comer. E se o senhor não acredita — sendo meia noite coloque-se num ponto de onde alcance a última plataforma do elevador... Ela surge, como que saindo dum alcapão... E' alta e envolve-se numa brancura fosforescente... Estaca uns momentos como que mirando em redor; depois, muito hirta, num passo automático, avança até ao gradeamento e fica ali, espescada, mais de cinco minutos. No fim recua... recua e esfuma-se... Experimente! Verá... como eu vi muitas vezes — com estes que a terra há-de comer...

VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

# T. S. F. . . . X.

## A viscondessa espôsa do visconde

ESTE aparelho de T. S. F. . . . X tem dias de trabalhar com tal velocidade que não há telegrafista, por mais hábil que seja, capaz de captar, explícitos e perfeitos, todos os seus rádios. Uma vez, abordam assuntos emaranhados de escravatura branca — como um que mais adiante registamos —, outras, dá-nos a notícia precipitada de uma negociata internacional e complicada; outras, ainda, fala-nos da simples rouba-lheira de um agiota que empresta a cem por cento. Bagatelas. . .

Ora, no nosso penúltimo número — o 51 —, que teve uma venda tão súbita e grande que nos obrigou a faltar inesperadamente a alguns assinantes e agentes, abordámos o caso de um senhor A. Ribeiro que se prontificava «a demonstrar gratuitamente como *Vossa Senhora*, com 2.550\$00, ganharia 400\$00 diários.» O A. Ribeiro — se ainda estão lembrados — descobriu a maneira *científica* de apontar a roleta. . . E pedia que lhe telefonassem para N. 2166 — número que correspondia ao nome de *Madame Andrade*. Faltava saber quem era esta madama. E o que nós não conseguimos descobrir — modestia à parte — nem o Demo desvenda. Sabem, pois, quem é *Madame Andrade*? É a esposa ilustre do não menos ilustre senhor Tomaz Viana de Andrade ou Tomaz de Aquino Conceição Correia Viana de Andrade — o Visconde de Cantim. Sim, o célebre vigarista Visconde de Cantim, que tem apenas este cadastro, que resumimos para não tomar espaço ao jornal nem paciência aos leitores:

Em 19 de Fevereiro de 1895 (ele já não é nada novo), foi preso por, com outros, assaltar um carro americano e agredir alguns passageiros, bem como o cocheiro do carro; em 26 de Abril de 1904, preso por burla; em 19 de Novembro desse mesmo ano, por burla na importância de 600\$00, que nesse tempo era dinheiro; em 17 de Maio de 1905, por burlar um indivíduo na importância de 500\$00 e ainda nesse mesmo dia e ano por burlar outro indivíduo na importância de um conto de reis (foi um dia em cheio); em 17 de Fevereiro de 1913, por ter falsificado uns documentos; em 15 de Outubro desse ano, por ser um dos autores de um crime de burla na importância de 2.120\$00; em 1 de Outubro de 1916, por agressão ao captor; em 16 de Dezembro de 1918, por ordem superior; em 18 de Junho de 1923, por insistência e tentativa de agressão ao captor, sendo condenado em 50\$00 de multa e 90\$00 de indemnização; em 1 de Outubro de 1927, por burla e, finalmente, em 13 de Setembro de 1930, por mandado de captura do 6.º Juízo Criminal, pelo crime de burla e falsificação — e ainda está preso. Se houvesse condecorações e honrarias para burlões, este homem teria o peito escarrado de medalhas.

O Visconde de Cantim, que tem esta admirável folha de serviços prestada à sociedade, deixou, agindo em liberdade, a sua discípula — *Madame Andrade* —, que manobra a agência de burlas com uma perícia estupenda. Para atrair os papalvos, *Madame Andrade* publica anúncios no género daquele a que aludimos no nosso penúltimo número. E o negócio rende. . . Propõe compras de mobílias, jóias e outros valores negociáveis. Depois engendra complicações, dificultando, ensarilhando até chegar à almejada burla.

A Polícia, se quiser prestar bons serviços à sociedade, tem a pista que lhe apontamos. A *viscondessa* é bem digna do *visconde* e chega a parecer impossível que ainda não tivesse ido fazer companhia ao seu *digno* marido.

## « Protectora » de meninas

OS senhores que têm o hábito de ler a secção de anúncios dos grandes jornais devem ter lido, com certeza, no *Diário de Notícias* este que reproduzimos fielmente:

### Menina

*De 17 anos, saída do colégio e sendo pobre, pede a protecção de pessoa bondosa para poder continuar os estudos. Escadinhas da Oliveira ao Carmo, 4, 3.º.*

É um pedido comovedor e inocente este que se faz em letra miúda — muito miúda — na secção de anúncios do *Diário de Notícias* de domingo próximo passado. Chega a ser comovedor uma menina de 17 anos solicitar assim aos desconhecidos e generosos protectores os meios para continuar os



estudos. A maioria dos leitores deve ter passado por este anúncio sem que a mais leve sombra de suspeita ou desconfiança perturbasse a serenidade do seu espírito e acusar-nos-á de caluniadores se lhes dissermos, de chofre, que essas linhas insignificantes ocultam apenas um negócio ignóbil de escravatura branca.

Duvidam? Então escutem a história, a manobra, a armadilha ignóbil que esse anúncio aparentemente lícito e honesto encobre.

Pouco dias antes deste anúncio outro apareceu de redacção igualmente honesta. Era uma senhora de idade que desejava menina nova e prendada para dama de companhia.

Respondeu, entre muitas senhoras que a pobreza envergonhada obriga, nesta época de crise, a aceitar posições subalternas, uma menina de nome Celeste Pinheiro Castelo Branco, uma rapariga simples, saída há pouco do colégio e de olhos cerrados para a maldade do mundo. Precisava de trabalhar e estava disposta a suportar a convivência de uma desconhecida que não lhe inspirava grande simpatia.

Alda Pinto — julga-se que é um nome suposto da anunciante — recebeu a sua dama de companhia com grandes manifestações de amizade. Rapou-

lhe as sobrancelhas, coloriu-lhe as faces; carminou-lhe os lábios, deu-lhe vestidos demasiados vistosos que a tornavam mais *coquette* e provocante do que permitiriam as conveniências e levava-a para a esplanada do *Capitólio* onde se conservava até à uma e meia da madrugada. E ao mesmo tempo que lhe transformava o aspecto exterior, esforçava-se por corromper-lhe a alma honesta, contando-lhe aventuras duvidosas com palavras bonitas e sedutoras. A Alda Pinto tinha o seu plano bem traçado. E quando julgou que o terreno espiritual de Celeste estava bem preparado mandou para os jornais, sem que a sua pupila soubesse, o anúncio que transcrevemos logo no começo destas revelações.

Com grande surpresa sua, Celeste começou a receber visitas de cavalheiros *bondosos*, que acorrem em bicha na *pedosa* intenção de auxiliar a menina de 17 anos a prosseguir nos estudos. Esses cavalheiros miravam-na de alto a baixo, passavam-lhe a mão negligente pela face e dirigiam-lhe frases maviotas, enquanto outros candidatos a protectores falavam em particular com D. Alda Pinto.

A rapariga, vexada, receosa de uma cidade ignóbil, tomou a resolução de fugir. E fugiu a tempo, porque se o seu espírito fôsse mais fraco e a sua educação não tivesse sido honestíssima, decerto o cortejo das desgraçadas contaria mais uma irremediavelmente perdida. E para evitar que a supetíssima Alda Pinto continue a querer fazer a felicidade de suas damas de companhia por forma tão ignóbil, aqui se põe o caso em pratos limpos, com a certeza de que a Polícia não deixará de fazer um inquérito rigoroso a essa suspeita *senhora* das Escadinhas da Oliveira ao Carmo, 4, 3.º.

## Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENROLADA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a  
NOVELA POLICIAL

Metais

Ferramentas

Rua do Loureiro, 86-92  
TELEFONE, 434 — PORTO



GOMES DA SILVA, L. DA  
ESPECIALISTAS

Balanças

Artigos para a Industria

# Os exploradores

As reportagens que já publicámos sobre essa fauna de indesejáveis conhecida pelo epíteto de agiotas têm tido uma repercussão extraordinária. E não admira porque, nesta época dramática que o povo atravessa a braços com uma crise económica apavorante, é que esse bicho repugnante — o agiota — medra e prospera. O agiota vive do drama, da desgraça, das lágrimas dos vencidos, como a hiena dos sobejos pôdres que o leão abandona depois de saciado. E' cruel por índole; goza e negocia com as aflições alheias, com os desgostos e as misérias de famílias inteiras.

A lei, que é tão severa com o pobre-diabo que rouba um pão para matar a fome, encontra sempre portas falsas, alçapões de mágica por onde os exploradores da miséria e da desgraça se escapam.

A pobreza é tão boa fonte de rendimento que os agiotas chegam a insultar-se disputando a primazia da exploração. Ainda há poucos dias, em plena

rua, observámos o encontro entre dois agiotas rivais. Chamaram-se as últimas nas bochechas um do outro, trataram-se de bandalhos, só porque um roubara ao outro um bom cliente que paga, gemendo, juros de oitenta por cento.

As autoridades deviam tomar severas medidas na repressão de agiotagem, que é, aliás, um crime punido pelos códigos. Alguns desses vampiros sugadores do sangue dos desgraçados são conhecidos

## da miséria

da Polícia. A velha Praxedes do Caminho de Baixo da Penha, o homem da Rua Eugénio Santos, um outro que abriu escritório na União Velocipédica, um com tabuleta de procurador na Rua da Prata, e tantos, tantos que enxameiam nesta Lisboa, deviam pagar com juros de oitenta ou cem por cento os sofrimentos que têm causado às suas inúmeras vítimas.

Esses usurários anunciam diáriamente na última página do *Diário de Notícias*: «empréstimos sobre mobílias sem fiador ficando as mesmas em poder dos donos.»

Sabe o leitor como isto é feito? De uma maneira muito simples e prática. Vai um avaliador que faz o inventário da mobília que se destina a caucionar o empréstimo, e depois o cliente, como uma rês conduzida ao matadouro, é levado a um notário, onde assina um contrato de venda dessa mobília ao agiota e outro de aluguer dos mesmos objectos. Feito isto e descontadas todas as despesas do seu bolso, recebe o que sobra da importância do empréstimo e começa a pagar inexoravelmente em prestações mensais o dobro do que recebeu. E' uma limpeza de negócio.

Todos sabem quão diminuto é o vencimento dos funcionários públicos. Anda à roda de 600\$00. Pois a grande maioria do funcionalismo está nas garras desses abutres. Há uma casa bancária que poderia desempenhar uma missão altruista e que, afinal, se iguala nos processos odiosos ao trapeiro da Rua dos Fanqueiros ou à Praxedes da Penha. E' um Montepio. Os seus actos desmentem o seu piedoso título. Os funcionários ob-

têm empréstimos sobre os recibos do ordenado a 4 por cento ao mês, ou seja a 48 por cento ao ano. E' um negócio estupendo e absolutamente garantido! A secção onde esta negociata se faz tem um dístico vistoso com estes dizeres pomposos: *Empréstimos caucionados*. E apesar de bem caucionados, nem por isso o juro é mais razoável. Se, as casas de penhores foram — e justamente — obrigadas a baixar a taxa de juro, porque razão se permite que esse Montepio exerça tão forte exploração sobre aqueles que recorrem à sua protecção?

A' esquina da rua Braamcamp, num primeiro andar, perto de uma *garage*, existe um cavalheiro que se diz procurador e exerce um negócio de agiotagem verdadeiramente escandaloso.

Dá pelo nome de Afonso e trata os clientes com muita familiaridade. Fala sempre em nome de um ilustre proprietário, que nunca aparece e de quem é procurador.

O negócio é tão rendoso que o Afonso ganha e vive bem, o capitalista misterioso e oculto duplica ou triplica todos os anos a sua fortuna e ainda sobejam algumas migalhas para distribuir por angariadores de vítimas.

O negócio baseia-se nos contratos de arrendamento do desgraçado que lhos passa para a mão para caucionar o empréstimo.

## e da desgraça

Na Rua da Betesga também um agiota empresta a oitenta por cento, por meio de letras avalizadas por firma comercial acreditada. E' o senhor Iglesias, já de certa idade, o prototipo do agiota, que recebe o cliente de mau modo e se informa minuciosamente das possibilidades de pagamento da vítima.

Uma visita discreta da Polícia a estes beneméritos cavalheiros apuraria coisas do arco da velha.

Se fôsse possível investigar-se minuciosamente até que ponto tem ido a influência perniciosa da agiotagem na sociedade portuguesa; se se procurasse, com paciência e afincio, a origem de tantos suicídios, da ruína de centenas de lares, da corrupção de mulheres, da vaga de prostituição que enlameia Lisboa, iríamos encontrar com certeza no fundo de cada drama o agiota!

E' preciso acabar com esta casta ignóbil de parasitas, que não trabalha e que vive à custa da miséria humana!



---

---

# NOVELA N.º 27

Quinta-feira, 13 de Agosto de 1931

**O SEGRÊDO  
DOS TÁVORAS**

**SENSACIONALÍSSIMO  
ORIGINAL INÉDITO DE REPORTER X  
LEIAM**

---

---